



## O PROCESSO AVALIATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA

Fátima Maria Araújo Saboia Leitão

Universidade Federal do Ceará – Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC) –

saboiaf@yahoo.com.br

O tema Avaliação ainda hoje é considerado controverso e polêmico. A avaliação encontra-se ainda reduzida muito freqüentemente em nossas escolas, a julgamentos e comparações com modelos pré-estabelecidos e à atribuição de notas e conceitos, apresentando-se dissociada da ação educativa. No caso específico da Educação Infantil, embora se apresente explicitado na LDB (Lei 9.394/96 de dezembro de 1996) que a *avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental*, a prática avaliativa ainda encontra-se relacionada a exames, a medidas, a aspectos demarcados e padronizados, a observações esporádicas e fragmentadas sobre a criança. Para Hoffmann, *é essencial e urgente o repensar do significado da ação avaliativa da educação infantil à universidade* (2003, p. 10)

Como parte dessa tentativa de repensar o significado da ação avaliativa na educação infantil, esse artigo apresenta a trajetória percorrida pela equipe de profissionais do Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC), na construção de sua prática avaliativa. O NDC é uma escola de Educação Infantil vinculada à Universidade Federal do Ceará, criada em 1991, que se propõe a oferecer às crianças entre dois a seis anos de idade, filhas de professores, servidores técnico-administrativos e alunos da UFC, um ambiente rico em desafios que contribuam para o seu desenvolvimento global e para a ampliação de seus conhecimentos. Sua equipe de profissionais é formada por duas coordenadoras, oito professoras (seis especialistas e duas douctorandas), uma funcionária da secretaria e outra responsável pela alimentação das crianças.

Pretendo especificamente, ao descrever as modificações ocorridas no processo avaliativo ao longo do período de funcionamento do NDC, em especial, na forma de registrar e sistematizar as observações realizadas sobre o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças, justificar a escolha da perspectiva de avaliação mediadora proposta por Hoffmann (1993). Tal perspectiva é considerada como possibilidade de ação intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento pleno da criança, ao respeito às suas especificidades e interesses e ao processo contínuo de reflexão sobre a prática desenvolvida. Parte essencial, portanto, na busca permanente da equipe por um atendimento educacional de qualidade. Essas mudanças incluíram uma resignificação da concepção de avaliação e de sua função com relação ao processo de ensino e aprendizagem e à prática pedagógica desenvolvida, e conseqüentemente, das formas de registro utilizadas.

O processo de avaliação que sempre foi considerado um dos componentes do Projeto Educacional do NDC, abrange todas as facetas do ato de educar e envolve todos os que direta ou indiretamente convivem com a criança no espaço escolar. A coordenadora assim define, atualmente, o processo de avaliação no NDC:

*No NDC, a avaliação é um dos componentes do processo educativo, constituindo um instrumento de reflexão sobre a consecução das metas do Projeto Educacional; sobre o desenvolvimento da criança e a ampliação de seus conhecimentos. (Fátima Sampaio Silva)*

Em seus primeiros anos de funcionamento e de desenvolvimento do trabalho no NDC, vivia-se certa contradição entre o que naquela época já se compreendia sobre a avaliação, considerada um processo distante dos estereótipos relacionados à mensuração e à análise de comportamentos esperados, e a sua forma de registrar os dados obtidos das observações



realizadas sobre o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças. Entendia-se como era importante para o fazer e o refazer pedagógico e em decorrência, para a evolução do desenvolvimento da criança, o acompanhamento contínuo, através de observações (na época, sem registros escritos) das experiências vivenciadas por cada uma delas. No entanto, as informações obtidas a partir dessas observações eram registradas somente a cada final de semestre, em formulários padronizados que tinham o objetivo de verificar até onde a criança havia atingido com relação aos marcos de desenvolvimento em algumas áreas. O discurso, progressivamente avançado, era contraditoriamente atrelado à uma prática de registro preocupada em atender à exigência burocrática da escola e dos pais por “resultados” acerca do trabalho desenvolvido.

O primeiro tipo de formulário utilizado no NDC avaliava os aspectos social e afetivo, físico-motor e cognitivo das crianças, através da seguinte legenda:

Aspecto	Social e Afetivo	Físico-Motor e Cognitivo
Legenda	F = freqüentemente	A = atingiu
	AV = às vezes	NA = não atingiu
	N= nunca	EA = está atingindo (fase intermediária)
	X = não avaliado	X = não avaliado

No item relacionado ao aspecto cognitivo estavam incluídos os conteúdos de matemática (Atributos, Classificação, Seriação, Conservação, Noção de Espaço, Noção de Tempo); Conhecimento Lingüístico – Linguagem Oral e Lecto-Escrita – e Grafismo.

Os formulários eram então, entregues aos pais em uma reunião coletiva com a equipe do NDC, no fim de cada semestre. No primeiro momento da reunião, a coordenadora fazia um balanço de todo o semestre abordando alguns aspectos administrativos e pedagógicos. Em seguida, cada professora se reu-

nia com seu grupo de pais para entregar os formulários e responder a alguns questionamentos.

Essa forma de registro apontava para uma natureza classificatória da avaliação.

Para Hoffmann, essa maneira de avaliar

É entendida como um momento ao final do processo, em que se verifica onde a criança chegou, definindo sobre ela uma lista de comportamentos e capacidades... Está vinculada às exigências burocráticas das instituições... Os relatórios de avaliação não podem ser elaborados a intervalos bimestrais ou semestrais, mas devem resultar de anotações freqüentes, sobre o cotidiano de cada criança. (1996, p.31, 87).

Ainda segundo Hoffmann (2003), a avaliação de natureza classificatória não considera a criança o foco da ação avaliativa, ao contrário, desconsidera suas necessidades reais, privilegiando o modelo de comportamentos listados pela professora. Preocupa-se com o produto final da aprendizagem e não com o processo e centra-se no que falta às crianças e não naquilo que elas são capazes de vir a realizar.

Acredita-se que, provavelmente, essas contradições apontadas, deviam-se às lacunas ainda existentes nas leituras e estudos realizados pela equipe, sobre o Construtivismo e a Educação Infantil e, conseqüentemente, sobre um processo avaliativo coerente e mais abrangente que incluísse formas diferenciadas de registros.

O aprofundamento teórico permanente da equipe, também previsto no Projeto Educacional do NDC e efetivado através de estudos e participação em cursos de formação continuada, logo orientou a realização de mudanças na prática avaliativa, prioritariamente, com relação aos instrumentos de registro.



Optou-se então, por um registro que ao invés de ser apenas classificatório, buscasse uma aproximação de natureza qualitativa e descritiva do processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança.

O segundo tipo de formulário adotado ainda apresentava uma parte objetiva na qual se assinalava um “Sim” ou “Não” após o enunciado do comportamento observado, mas incluía, como inovação, uma parte descritiva. Os aspectos avaliados eram os mesmos do primeiro formulário, com mudanças somente na denominação dos tópicos (no lugar de *Aspectos social, cognitivo*, por exemplo, utilizava-se *Desenvolvimento social, cognitivo*). Com relação ao Desenvolvimento Físico-Motor e Sócio-Afetivo, os aspectos observados seguiam um roteiro pré-estabelecido e eram logo em seguida, descritivamente relatados.

A parte referente ao Desenvolvimento Cognitivo incluía a etapa objetiva de marcar “Sim” ou “Não” e dois espaços: um reservado para alguns comentários e outro para uma atividade feita pela própria criança relativa ao conteúdo avaliado. Os conteúdos avaliados eram: Conhecimento Físico, Conhecimento Lógico-Matemático (incluindo atividades de Seriação e Classificação), Desenvolvimento Lingüístico (incluindo o teste de quatro palavras e uma frase – identificação dos níveis da Psicogênese da leitura e escrita de Emília Ferreiro) e Grafismo.

Entende-se que a inclusão da parte descritiva apresentou-se um avanço na forma de registrar, pois, embora ainda de forma tímida, mostrou a necessidade de anotar de forma sistemática, as observações realizadas sobre as experiências das crianças. Porém, ainda não pontuava a possibilidade de a prática avaliativa libertar-se do protocolo dos formulários classificatórios para serem entregues no momento das reuniões de avaliação com os pais, reuniões essas, que continuavam com a mesma estrutura.

Essa forma de registrar a avaliação, baseada em listas de comportamentos, tem como base expectativas pré-estabe-

lecidas, não possibilita a análise do desenvolvimento da criança, seu ritmo, sua forma de entender e fazer as coisas, desconsiderando assim, suas possibilidades e necessidades em relação às suas etapas de desenvolvimento. *Nega a heterogeneidade normal dos indivíduos, concebendo-a negativa e inesperada e persegue a uniformidade de comportamentos das crianças* (Hoffmann, 1996, p.61).

Após a apropriação dos trabalhos e estudos de Spinillo (1995), Coll, Martin, Mauri e Solé (1996) e em especial de Hoffmann (1993, 1996), houve uma transformação no processo avaliativo das crianças do NDC, pois se passou a considerar a perspectiva de avaliação mediadora proposta por Hoffmann (1993).

Para essa autora, a ação avaliativa mediadora implica em projetar o futuro a partir do cotidiano, em delinear a continuidade da ação pedagógica, respeitando a criança em seu desenvolvimento, em sua espontaneidade na descoberta do mundo e oferecendo-lhe um ambiente de afeto e segurança para suas tentativas. É um processo dialógico e cooperativo e apresenta alguns pressupostos, quais sejam: a) a observação atenta e curiosa do educador sobre a criança, agindo como mediador de suas conquistas, no sentido de apoiá-la, acompanhá-la, e proporcionar novos desafios; b) a consideração da diversidade de interesses e possibilidades de exploração do mundo pela criança, respeitando sua própria identidade sócio-cultural, e proporcionando-lhe um ambiente rico em materiais e situações a serem experienciadas; e c) os registros e reflexões acerca da ação e do pensamento das crianças, de suas diferenças culturais e de desenvolvimento que conduzam o educador ao repensar do seu fazer pedagógico.

Essa prática avaliativa mediadora contribui para o processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, na medida em que estimula a reflexão do professor sobre sua ação, o que oportuniza vivências e desafios que podem ampliar as possibilidades de descoberta do mundo pela criança (HOFFMANN 1996).



Considerando a criança sujeito do seu próprio desenvolvimento e conhecimento e fonte principal de reflexão sobre a ação, assumiu-se de fato, no NDC a perspectiva da avaliação mediadora. Entende-se assim, concordando com Hoffmann, *que avaliar pressupõe observação atenta sobre as manifestações de cada criança e reflexão sobre o significado dessas manifestações em termos de desenvolvimento* (HOFFMANN, 2003, p. 71).

A observação sobre a ação da criança e a reflexão sobre o significado dessa ação possibilitam ao professor subsidiar sua ação educativa, redimensionar seu fazer pedagógico no sentido de desvelar caminhos que ajudem essa criança a ampliar suas conquistas e a superar suas dificuldades.

É importante ressaltar que, nessa perspectiva mediadora, a postura do professor frente aos “erros” das crianças deve ser diferente da que tradicionalmente acontece. As falas das professoras do NDC esclarecem essa nova postura:

*Os erros, na maioria dos casos, revelam muito sobre os processos de pensamento da criança, e, portanto não devem ser vistos por uma ótica negativa. (Professora 1)*

*Cabe ao professor analisar as linhas e entrelinhas das respostas oferecidas por sua criança... Tentar compreender suas soluções e interpretações em relação à resposta dela. (Professora 2)*

Os “erros” e as dúvidas das crianças precisam ser encarados como parte do processo educativo, momentos significativos que mostram como elas estão pensando o mundo ao seu redor. Essa concepção de erro construtivo *significa considerar que o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação.* (HOFFMANN, 2003, p. 56). É importante, portanto, que a professora valorize a resposta dada pela criança e transforme suas tentativas de solucionar os desafios em outras questões significativas e em elementos de novas discussões.

Incorporando essa nova postura, a equipe do NDC resolveu abolir todos os formulários e passou a escrever relatórios que descreviam o ponto de partida da criança, suas conquistas e caminhos percorridos em seu processo de construção de conhecimentos. Nesses relatórios ressaltavam-se, inicialmente, as condições de autonomia da criança e suas condições de elaboração e generalização dos conhecimentos e em seguida, apontava-se também de forma descritiva, os avanços e conquistas das crianças com relação aos conteúdos e objetivos (gerais e específicos) assinalados. Também se incluiu uma parte denominada de *Observações* na qual se apontava em que pontos os pais poderiam auxiliar no desenvolvimento do nosso trabalho junto à criança.

Consolidava-se dessa forma, a necessidade de realizar anotações sistemáticas sobre os aspectos observados nas crianças, com relação ao seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Compreendia-se que o registro sistemático do caminho percorrido pelas crianças na construção de seus conhecimentos e do trabalho pedagógico com elas desenvolvido é fundamental porque serve como ponto de partida para outras aprendizagens das crianças, como renovação da prática pedagógica e como fonte de informações aos pais sobre as crianças e o trabalho desenvolvido na escola. Sabia-se que a ação pedagógica se tornaria, de fato, significativa, *criadora de zona de desenvolvimento proximal* (Vygotsky, 1991) e se necessário, redimensionada, se essas anotações fossem consideradas. Dessa forma, assumia-se consciente e efetivamente o compromisso, como participantes da história construída por cada criança.

A partir de discussões ocorridas em reuniões de planejamento, onde se falava sobre os projetos desenvolvidos (o trabalho com projetos já fazia parte da prática pedagógica do NDC), chegou-se à conclusão de que era preciso compartilhar também com os pais, toda essa riqueza construída pelas crianças em co-operação com as professoras e com eles mesmos. O espaço reservado na reunião semestral de avaliação não era suficiente para



detalhar o trabalho desenvolvido. Foi dessa forma, que mais uma vez, modificou-se o relatório de avaliação incluindo-se um relatório geral, porém, detalhado, sobre todos os projetos desenvolvidos com as crianças. Isto é, além do costumeiro relatório individual que descrevia os avanços e conquistas das crianças em todas as áreas e suas participações no desenrolar em cada projeto, os pais também recebiam esse relatório geral sobre os conteúdos e as atividades trabalhadas com o grupo. Mantinha-se ainda, porém, a mesma estrutura da reunião periódica e coletiva com os pais para a entrega desses relatórios.

Mais recentemente, em 2004, a equipe resolveu realizar outra modificação na prática avaliativa. Chegou-se à conclusão de que não se estava conseguindo alcançar, no caso de algumas crianças, o que uma das professoras assinalou: *ajudar de fato, as crianças com dificuldades*. Uma das possíveis causas talvez fosse a não possibilidade de envolvimento maior dos pais. O que se observava costumeiramente era que ao entregarem-se os relatórios nas reuniões, muitos dos pais não procuravam as professoras para esclarecer as dúvidas nem para trocar informações sobre suas crianças. Alguns pais até nem se interessavam em comparecer a reunião e só recebiam os relatórios depois de muita insistência das professoras. A equipe observava frustrada, que o esforço na elaboração dos relatórios e principalmente, o objetivo de envolver os pais mais efetivamente no processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança, tornando-os mais participativos e presentes na escola não estavam surtindo o efeito esperado.

Resolveu-se então, continuar com o relatório geral sobre o grupo e propor uma reunião individual com cada pai para falarmos sobre aspectos do processo de desenvolvimento e de aprendizagem de sua criança. Esses aspectos não foram registrados sistematicamente em relatórios individuais a serem entregues para os pais. No entanto, para a conversa particular com eles, era preparado um roteiro aberto, porém detalhado,

utilizando todas as anotações realizadas sobre a criança e alguns exemplos de atividades desenvolvidas por elas durante o semestre. Iniciava-se a reunião com questões gerais como: Como você vê sua criança agora ao final do semestre? Que conquistas e dificuldades você apontaria no processo de desenvolvimento e de aprendizagem de sua criança? O que você tem a dizer sobre o trabalho desenvolvido na escola? Tendo como base o trabalho realizado pela escola, que sugestões você daria para enriquecer esse trabalho? Esse procedimento de reuniões individuais tem se revelado muito positivo tanto para os pais, que puderam sem inibição, falar sobre suas crianças e tirar suas dúvidas sobre o trabalho desenvolvido junto a elas, quanto para a equipe, em especial as professoras, que passaram a ter acesso a importantes e esclarecedoras informações sobre as crianças. Criou-se assim, um importante espaço de diálogo e de trocas entre a escola e os pais. Continua-se então, com as reuniões individuais, porém resolveu-se, atendendo a uma solicitação de alguns pais, continuar com os relatórios individuais. Em conjunto com os pais, as professoras organizam um calendário com os dias e horários que atendem as conveniências e disponibilidades de todos, reservando um período de tempo em torno de uma hora para os pais de cada criança. É importante assinalar que a equipe faz questão da presença tanto do pai quanto da mãe, no caso das famílias nucleares, e nos demais casos, das pessoas que em casa, estão mais diretamente e com maior frequência, envolvidas com a criança.

Conseguiu-se dessa forma, envolver de maneira direta e profícua os pais no processo de avaliação. Para Hoffmann (2003), os registros sobre o desenvolvimento da criança precisam ser complementados e compartilhados por todas as pessoas que convivem com a criança. Para a equipe do NDC, isso significou *a criação de oportunidades freqüentes de troca de idéias entre os adultos que trabalham com as crianças e destes com seus familiares.* (2003, p. 88).



Torna-se relevante ressaltar que no NDC não é somente a criança que passa por esse processo de avaliação. Toda a equipe participa de reuniões de avaliação. A estratégia principal de avaliação das professoras e coordenadoras tem sido um processo de auto-avaliação para o qual é sugerido um roteiro cujos itens contemplam as variadas facetas da formação, desempenho e relacionamento das professoras com seus pares e com as crianças e das coordenadoras com o restante da equipe. Durante todo um ou dois dias, geralmente ao final de cada mês, a equipe se reúne para realizar várias atividades: a) aprofundamento teórico sobre um tema escolhido a partir da necessidade do grupo ou da oportunidade de socializar algum conteúdo teórico construído por alguém da equipe quando da participação em algum evento científico (cursos, congressos, seminários, aula de pós-graduação, etc.); b) discussões rápidas sobre aspectos administrativos (funcionamento do NDC, questões relativas à limpeza e à organização do espaço e dos materiais, questões relativas ao lanche oferecido, à biblioteca, etc.); c) relatos detalhados sobre o funcionamento dos grupos de classe e sobre as crianças individualmente e; d) o planejamento das ações (momento reservado ao planejamento de algumas ações – aulas-passeio, festividades, apresentação de sínteses de projetos e à sugestão de idéias para atender aos interesses das crianças – através de projetos, por exemplo).

No momento reservado ao relato, cada professora compartilha com toda a equipe o trabalho desenvolvido com seu grupo e fala sobre cada criança, suas conquistas e avanços, suas reações diante dos conflitos emocionais e cognitivos e suas dificuldades. Após o relato de cada grupo, reserva-se um tempo para a partilha dos saberes construídos, dos sucessos ou dos insucessos de algumas práticas, para a troca de sugestões sobre como superar as dificuldades apresentadas e para a socialização detalhada das idéias que possam se transformar em futuros e interessantes projetos. É o momento em que toda a

equipe se compromete em rever as idéias, as práticas, tomando consciência dos aspectos positivos e negativos da atuação de cada um.

Entende-se que essa proposta de avaliação mediadora em constante processo de construção envolve todos os adultos que se responsabilizam pela criança, tornando-os disponíveis para refletir sobre suas necessidades, interesses e avanços no sentido de ajudá-la em seu desenvolvimento e em suas tentativas de elaboração de conhecimento.

Dessa forma, de acordo com as palavras da coordenadora, esse processo avaliativo contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, pois,

Possibilita reconhecer que cada criança tem sua forma de ser em virtude de sua maturação, de suas experiências e das diferenças no seu ambiente cultural... É possível então, a partir disso, propor atividades que consideram o nível real da criança, mas, apresentam desafios para os quais a criança precisa buscar soluções. Uma vez solucionados os desafios, a criança atinge níveis mais altos de desenvolvimento.

É importante frisar que se entende que todas as transformações ocorridas na prática avaliativa do NDC, até o momento, fazem parte do que Hoffmann (2003) chamou de *dinâmica da avaliação* e mostram de forma contundente a busca persistente e sistemática da equipe por um trabalho de qualidade que atenda às especificidades, necessidades e interesses das crianças. *O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, a transformação* (Hoffmann, 2003, p. 90).

### Referências Bibliográficas

COLL, C., MARTÍN, E. MAURI, T. MIRAS, M. ONRUBIA, J. SOLÉ, I. ZABALA, A. *O Construtivismo em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996.



HOFFMANN, J. *Avaliação Mediadora. Uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993.

\_\_\_\_\_. *Avaliação – Mitos e Desafios, educação e realidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_. *Avaliação na Pré-Escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pontos e Contrapontos do pensar ao agir em avaliação*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

SPINILLO, A. G. *Avaliação da aprendizagem numa perspectiva cognitiva*. *Psychologica*: N°. 14, p. 83-99, 1995.

VYGOTSKY, L. S. ***Pensamento e Linguagem***. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira, Solange Castro. São Paulo, Martins Fontes, 1991.